

cravidão, e esse povo caminha pelo deserto, mas agora com passos mais constantes, pois percebem a presença de Deus no meio deles (primeira leitura = Ex 3,1-8a.13-15). Essa história de libertação, quando o povo caminha e quando somos também convidados a caminhar, libertando-nos das amarras que nos impedem de caminhar na liberdade dos filhos de Deus é, na verdade, um ensinamento (segunda leitura = 1Cor 10,1-6.10-12) que alcança o seu ápice em Jesus, quando nos convida à conversão e à penitência (Evangelho = Lc 13,1-9) à libertação da escravidão do pecado que nos faz trilhar veredas de pura ilusão e completo vazio, por isso, converter-se é sempre necessário.

No quarto domingo, tendo acolhido o convite à conversão, o filho, que fugiu do convívio com o pai, enveredando-se por caminhos da falsa promessa e estado efêmero de felicidade, retorna ao caminho do qual se desviara, com passos titubeantes (Evangelho = Lc 15,1.3.11-32) recordando-se daquilo que havia abandonado, exatamente por ocasião da miséria que estava a viver, fazendo assim, embora isso absolutamente não esperasse, a experiência de um coração que possuía entranhas de misericórdia e que se alegra imenso pelo retorno ou melhor ainda, faz grande festa por isso, pois aquele que estava morto retornou à vida; na verdade, é Cristo que o reconcilia (segunda leitura = 2Cor 7,17-21) e o introduz para dentro de casa, para a terra prometida, celebrando, como Israel, a Páscoa (primeira leitura = Js 5,9a.10-12).

No quinto domingo, quando agora con-

vidados somos a caminhar com o Apóstolo e Evangelista São João vamos perceber que quem se torna em conformidade a Cristo, exatamente no fato de em seu estado de homem viator, peregrino, transeunte, daquele que está a caminho, deve buscar morrer ao pecado (segunda leitura = Fl 3,8-14) e isso pode acontecer a cada homem e a cada mulher de boa vontade, através da experiência de ser perdoado (Evangelho = Jo 8,1-11), tornando-se, desde então uma nova criatura (primeira leitura = 2Rs 4,18-21.32-37), sendo-lhes dirigido o perene convite a manter-se na experiência da vida nova: "Ide, e não mais pequis!". Temos um Deus que nos ama, reparando não o que fomos ou que somos, mas aquilo que buscamos ser, com o Seu auxílio..

Que a estada entre nós, do Papa Bento XVI ao qual dizemos com devoção filial: Bento, bendito o que vem em nome do Senhor! Seja, de fato, para confirmar na fé, todo o Povo de Deus, rebanho do Senhor, ajudando-nos para isso, a Imaculada Virgem Mãe de Deus Aparecida e Assunta ao Céu, excelsa padroeira do Brasil, tornando dócil o nosso coração e nos auxiliando, como Advogada nossa, a viver com mais intensidade, através da reconciliação, a experiência de sermos filhos e filhas de Deus, nessa Igreja que nos gerou e que, por isso, é nossa Mãe e também nossa Mestra, ela que se alegra imensamente pela volta daqueles que dela se afastaram e que agora se tornaram conscientes Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nEle nossos povos tenham vida. "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6).

NOTAS

- No mês de novembro p.p. realizou-se em Belo Horizonte, com a acolhida da CIMBRA – Conferência de Intercâmbio Monástico do Brasil o X Encontro Monástico Latino Americano, sob o tema: *A paz beneditina, dom e desafio, no contexto latino-americano*, tendo participado do mesmo durante sua primeira parte o nosso Subprior, D. Justino e durante a segunda parte o nosso Prior, D. Hugo, tendo, entretanto, D. Patrício permanecido durante todo o Encontro, pois, a convite de D. Matias Medeiros, fazia parte da *Schola cantorum*. As palestras e fotografias do Encontro podem ser vistas no site: www.osb.org.br/cimbra. O XI Encontro será realizado no México em 2010. Nessa ocasião foi eleito como novo presidente da CIMBRA por um quadriênio, o Revdo. D. Prior Bernardo, OCSO, do Mosteiro Trapista de Nossa Senhora do Novo Mundo – PR.

- No mês de dezembro p.p., nossa Comunidade Monástica fez o seu Retiro Espiritual anual, tendo sido o mesmo pregado pelo Mons. Antônio Luiz Castelan Ferreira, reitor, em Londrina – PR, do Seminário da Diocese de Umuarama – PR, o retiro versou sobre o tema: *Ser discípulo à luz do Evangelho de São Marcos*.

- Consulte o site do Mosteiro www.msberto.org.br o mesmo está a ser continuamente atualizado inclusivamente com a edição on line desse *Diálogo* e do Boletim do DIM-MID.

- Desde os meses de janeiro e fevereiro, estão participando de nossa comunidade, em experiência, com o intuito de transferirem o voto de estabilidade, respectivamente, os Irs. Bonifácio Lima e Anselmo Rodrigues Caldeira, provenientes da Arquibadia de São Sebastião da Bahia, o primeiro é potiguar e o segundo é paranaense. A eles nossas boas-vindas e o desejo da perseverança entre nós.

ONOMÁSTICOS, ANIVERSÁRIOS E OUTRAS CELEBRAÇÕES

DOS MONGES

ABRIL

- 21 Ir. Anselmo R. Caldeira – *Onomástico*
24 Arcebispo D. João Braz de Aviz - *Aniversário (60 anos)*

MAIO

- 11 D. Hugo da S. Cavalcante, *Prior - Onomástico*
22 D. Romano Moraes - *Onomástico*
31 Ir. Doroteu Zelaya Franco - *Aniversário*
Arcebispo D. João Braz de Aviz - *Ordenação Episcopal (1994)*

JUNHO

- 01 D. Justino S. de Souza, *Subprior – Onomástico*
05 Ir. Bonifácio Lima - *Onomástico*
05 Ir. Doroteu Zelaya Franco – *Aniversário*
24 Arcebispo D. João Braz de Aviz – *Onomástico*
29 D. Arquibade Presidente Emanuel do Amaral – *Profissão (1980)*
D. Pedro Henrique Bezerra Magalhães - *Onomástico*

JULHO

- 06 D. Isaías N. da Silva – *Onomástico*
14 Fundação do MOSTEIRO – *1987 (20 anos)*
22 D. Patrício de V. Martins – *Aniversário*
25 Ir. Thiago N. Costa – *Onomástico*

DOS OBLATOS

ABRIL

- 18 Ir. Maria das Graças (Yêda) Medeiros - *Aniversário*
23 Ir. Edwiges (Maria do Carmo) Rodrigues Rosa - *Aniversário*

JUNHO

- 17 Ir. Ângela (Maria) Rocha Godinho Barros - *Aniversário*
24 Ir. João Batista (João Carlos) Saraiva Pinheiro - *Onomástico*

JULHO

- 04 Ir. Martinho (Hélio) Teixeira - *Aniversário*
11 Ir. Benita (Norma) Marquez Eleutério - *Onomástico*
22 Ir. Maria Madalena (Zora) Cleto Menezes - *Onomástico*
25 Ir. Thiago Maior (Valdir) de Souza Eleutério - *Aniversário e Onomástico*

PAINEL

- De 07 a 12 de outubro de 2007 teremos em Belo Horizonte o II Encontro Nacional de Oblatos Beneditinos, sob o tema: *A centralidade de Cristo na vida do Oblato*; o Assistente Espiritual Nacional do Oblatos é o nosso Prior, D. Hugo; nossa Comunidade de Oblatos agradece o empenho dele e do Coordenador Leigo Nacional, o Ir. Áquila de Oliveira Marçal, obl. séc. OSB, do Rio de Janeiro, por todo o empenho para a concretização desse Encontro, desejando profícuos e duradouros frutos.

- A mensagem do Santo Padre para a Quaresma, sob o tema: *"Hão-de olhar para aquele a quem transpassaram"* (Jo 19,37) está sendo distribuída em nossa Capela.

- A todos os que lêem esse *Diálogo* nosso augúrio de que tenham uma intensa e abençoada Quaresma e uma imensa alegria na celebração da Santa Páscoa.

DIÁLOGO



UMA FOLHA D

Descoberta
Debate
Discussão
Difusão
Divulgação
Da mensagem
BENEDITINA

Informativo trimestral dos Oblatos
do Mosteiro de São Bento de Brasília
Janeiro a Março de 2007 - Ano 4 - nº 14

A PALAVRA DO PRIOR

O MISTÉRIO DA QUARESMA NA LITURGIA DA PALAVRA
NO ANO C – SÃO LUCAS

DOM HUGO DA SILVA CAVALCANTE, OSB

Nesse ano da graça do Senhor de 2007 o nosso itinerário quaresmal está todo ele extremamente referido, não somente daquela imensa alegria do desejo espiritual da celebração da Santa Páscoa, que está em seu porvir, e que, na realidade, recordamos cada dia na celebração da Santíssima Eucaristia que realizamos, mas esta quaresma também está bastante cheia daquele grande júbilo de termos em terras da Santa Cruz, pela primeira vez como Papa em todo o Continente, a presença do Romano Pontífice reinante, Sua Santidade, o Papa Bento XVI, que presidirá os trabalhos de abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano – Conferência de Aparecida, tendo dantes, como já anunciado, na megalópole São Paulo, onde na ocasião será hóspede dos filhos de São Bento, celebrado a canonização do primeiro santo nascido, de fato, em nosso país, o Beato Frei Antônio de Santana Galvão, membro da Ordem dos Frades Menores.

Na quaresma deste ano litúrgico do ciclo C de leituras estamos a caminhar, mais proximamente, do Evangelista São Lucas e com ele percebemos, concretamente, que está a acontecer, na realidade, uma grande catequese que tem como seu tema basilar a reconciliação que, de fato, vai encontrar o seu maior cume, exatamente, na celebração da Santa Páscoa. O Santo Padre nos recorda em sua mensagem para esta quaresma os modos pelos quais Deus é amor e que: olharemos para aquele a quem transpassaram! Aqui no Brasil a Conferência Episcopal nos faz voltar os olhos e o coração para a Amazônia, recordando que há Vida e Missão neste chão, façamos então, dessas esperanças, realidades em nossa vida!

No primeiro domingo começamos a dar o primeiro passo para a reconciliação e esse passo vai consistir, propriamente, no reconhecimento de Deus, que nos ama e que está próximo de nós, ou seja, é necessário recomendar, apesar dos pesares, dos nossos pecados; na realidade é preciso voltar, assim como fez Israel (primeira leitura = Dt 26,4-10) e, tal reconhecimento de Deus, sobretudo, é feito por Nosso Senhor Jesus Cristo, em sua experiência do deserto, na qual testemunha, vencendo as tentações, que veio ao mundo para fazer à vontade do Pai e não a sua própria ou aquela do ilusório tentador que de modo enganoso promete o ter, o poder e o considerar-se tal (Evangelho = Lc 4,1-13) e desse modo, fica claro que, quem reconhecer o Cristo, como Senhor e Salvador, dando o passo para com ele se encontrar, este sim, será salvo (segunda leitura = Rm 10,8-13).

No segundo domingo nos encontramos com Jesus transfigurado e isso é, sem dúvida alguma, um passo bem mais largo, muito mais exigente; de fato, uma experiência de misericórdia, que nos revela aquele profundo mistério que se realiza também em nós por meio da reconciliação (Evangelho = Lc 9,28b-36) que se faz agora, eis o tempo favorável! Mas também no fim dos tempos para aqueles que se dispõem a responder com a vida ao chamado à conversão (segunda leitura = Fl 3,17-4,1), pois em Cristo, sacrificado, uma oblação unicamente dele e, da qual, somos todos nós os únicos beneficiários; realidade que dá o cumprimento total para a antiga aliança (primeira leitura = Gn 15,5-12.17-18).

No terceiro domingo Deus vai enviar Moisés para que esse possa libertar o seu povo da situação de opressão e de es-

DESTAQUE

TOMA-LÁ-DÁ-CÁ

l.e.JOÃO EVANGELISTA (JOÃO) GODINHO BARROS, OBL.SEC.OSB

A constatação nada tem de auspiciosa, mas muito tem de verídica: o relacionamento humano é vincadamente pautado pelo interesse, na acepção menos nobre possível do termo. O tráfico de favores, o tristemente famoso toma-lá-dá-cá se faz presente em quase todos os intercâmbios, tanto no âmbito pessoal como no especificamente profissional. E nem incursionemos no meio político, onde os assuntos geralmente se resolvem através de barganhas, de trocas concretizadas por métodos cavilosos. Estão aí, a confirmar essa sombria situação, as conhecidas alianças partidárias que unem as mais distintas correntes políticas - ideologicamente ocas aliás, na grande maioria. Digladiam-se com ferocidade assustadora, ao longo das diversas campanhas eleitorais. Terminadas essas e em nome da chamada governabilidade - vocábulo guarda-chuva, capaz de abrigar conchavos de toda ordem -, não hesitam em promover a acomodação de seus objetivos, com vistas a lograr benefícios mútuos. Percebe-se que a afirmação de que o século XX se caracterizou pela organização racional dos ódios políticos pode ser aplicada aos dias que correm.

Essa bem engendrada teia de conluios, reprovada publicamente e com vigor pela CNBB, só serve para subtrair credibilidade ao nosso sistema democrático. Refiro-me, é claro, à organização social em que o povo, chamado a manifestar-se periodicamente por meio de eleições, outorga mandatos a representantes que passarão a exercer autoridade em seu nome, respeitada a diretriz programática previamente submetida ao seu crivo. Em síntese: exercício da soberania popular - governo do povo, pelo povo, para o povo. A preponderância de interesses nebulosos, o desvirtuamento dos programas partidários (quando existem), entre outros aspectos, nos afastam progressivamente dessa concepção.

Para que não se pense que o acima exposto só acontece no Brasil, valeria citar estudo publicado na prestigiosa revista britânica The Economist, segundo o qual a metade dos países vive sob regime democrático, mas em apenas 28 deles vige a democracia plena. A matéria, intitulada “O Mundo em 2007”, da Economist Intelligence Unit, qualifica 54 sistemas como democracias imperfeitas, 30 como híbridos e 55 como autoritários. O grupo dos mais democráticos é dominado pelos desenvolvidos, com exceção da Itália. Só duas nações latino-americanas (Costa Rica e Uruguai) e uma africana (Ilhas Maurício)

EXPEDIENTE

DIÁLOGO é produzido pelos Monges e pelos Oblatos do Mosteiro da Santa Cruz.

estão nesse grupo. A Suécia lidera a lista, com uma pontuação de 9,88 (máximo de 10). O Brasil, considerado democracia imperfeita, ocupa a 42ª posição. Os EUA se situam em 16º lugar.

Ponhamos a mão na consciência e aceitemos o fato de que nenhum de nós - não me excluo do cenário - pode se declarar cem por cento imune a tudo isso. Uma espécie de lavagem cerebral, patrocinada em grande medida pela mídia, nos induz a acreditar que não há outra forma de sobrevivência na verdadeira selva onde temos de nos mover. Pois, diante desse quadro desalentador, Jesus diz aos seus seguidores que, se desejam de fato aproximar-se de Deus, devem demonstrar aos demais o desapego das coisas mundanas; a intenção de dar sem nada reclamar em troca; a capacidade de agir sem buscar a luz dos holofotes e sem esperar reconhecimento. E o faz através de hipérboles, de imagens fortemente contrastantes, para que percebam com clareza meridiana que o projeto salvífico caminha justamente na contramão dos interesses do mundo (Lc 14, 7-14; Mt 6, 2-4, 16-18). Vai no mesmo sentido a recomendação contida na Santa Regra de N. P. S. Bento (RB 7, 8).

Tratar-se-ia, em outras palavras, de procurar imitar a Deus na medida de nossas limitações, ofertando com largueza sem esperar recompensa e demonstrando portanto a boa assimilação da mensagem evangélica.

Imaginemos por um momento o universo pacífico, equilibrado em que habitaríamos, se o desinteresse permeasse nossas trajetórias rumo à pátria definitiva. Utopia, dirão alguns. Será? O fato é que não podemos nos eximir de perseverar nessa direção. Assim Cristo preconizou aos discípulos e assim continua a nos pedir. Somente dessa maneira lograremos dar um basta à repugnante deturpação, muito em voga, de uma das máximas constantes da belíssima oração de São Francisco. A expressão “é dando que se recebe” só pode ser entendida no seu significado original e profundo. Devem ser categoricamente repelidas pelos cristãos-católicos as pilhérias, as zombarias, o emprego distorcido do aludido trecho. Isso costumam fazer setores da imprensa responsáveis pela cobertura da política nacional, a pretexto de provocar hilaridade, a meu sentir beócia.

Prossigamos pois a jornada para o Pai, auxiliando-nos mutuamente na laboriosa busca do crescimento espiritual, eis que a salvação não deve ser encarada como esforço de cunho individualista (RB 72,12). Que Deus nos ajude nesse intento.

REFLEXÃO

MOTIVAÇÕES PARA O TRABALHO NA VIDA MONÁSTICA

l.e.DOROTEU ZÉLAYA FRANCO,OSB

Nos Primeiros Pais:

No que se refere às distintas motivações que irei citando, a ordem não indica que uma seja mais importante do que a outra; isso dependerá do ponto de vista de cada um.

Parece-me oportuno assinalar que o trabalho manual é tão antigo como o monacato, mas o trabalho nunca foi para os monges um fim em si mesmo.

O monge é um homem como todos os demais, sujeito à lei do trabalho; os primeiros pais inculcavam insistentemente essa verdade. A propósito, um apoftegma conta que Santo Antônio aprendeu de um anjo que a vida do monge deve ser uma constante sucessão de trabalho e oração.

O apoftegma dizia o seguinte: “Abba Antônio se sentiu um dia agoniado pela acédia no deserto e não tinha claros os pensamentos. Acabrunhado, disse a Deus: Senhor, desejo viver (para ti) e meus pensamentos não mo permitem. Que posso fazer, Senhor, nessa prova, e como viverei (para ti)? Passeando fora de sua cela ao amanhecer, viu alguém parecido com ele, que se entregava, sentado, ao trabalho manual. Depois, levantava-se muito animado, deixando seu trabalho para rezar. Mas, logo voltava a sentar-se para tecer esteiras, e voltava a levantar-se para orar. Fez isso inúmeras vezes. Era um anjo do Senhor, enviado para fortalecer Antônio. E ele escutou a voz do anjo que lhe dizia: Antônio, faz assim e viverás. E o anjo se foi. Ao ouvir isso, Antônio se encheu de alegria e louvou a Deus. E foi fiel a esse programa até a morte”.

Com relação a isso, poder-se-ia dizer que seria como que a origem do grande lema que ordenará daí em diante o ritmo da jornada monástica: Ora et labora, ora e trabalha. Não apenas orar nem só trabalhar, sem alternar harmoniosamente uma coisa e outra. Era optar pelo equilíbrio entre oração e trabalho.

Havia nisso uma opção atrevida, porque era o repúdio de uma heresia, a dos Messalianos ou Euquitas, cujo “espelhismo” havia seduzido mais de um monge. (O erro messaliano – com o pretexto da oração contínua favorecia a ociosidade (aergia) e a preguiça (argia), pelo que recebia muitas reprovações. Essa complexa heresia não se limitava ao iluminismo, mas associava pseudomisticismo e sensualidade, ascese e lassidão. Denunciado no final do século IV, o messalianismo foi condenado no ano 431 no Concílio de Éfeso.)

Para refutar essa doutrina, podemos nos reportar ao famoso apoftegma de Abba Silvano; embora se possa dizer que são reflexões de sentido comum, ao dizer que “Maria tem necessidade de Marta”, com esse relato Silvano quer, em sua reflexão, demonstrar um rechaço a louvar a “superioridade de um estado de vida sobre outro, e uma firme vontade de combater toda forma de orgulho espiritual”.

Esforço ascético para progredir na perfeição e como um exercício de humildade; tendo em conta que todo o esforço ascético da vida ativa é um trabalho penoso para o

homem, os monges antigos faziam do trabalho manual um dos principais exercícios para progredir na perfeição. Embora cuidassem de não superestimar o papel do trabalho para que não desviasse o monge na sua orientação para as realidades celestes, não deixavam de recomendá-lo como exercício ascético. Viam no trabalho um valioso meio ascético na luta contra a acédia, contanto que não turvasse a paz da contemplação. Para outros, não apenas o trabalho manual servia de exercício ascético, como também a oração era considerada um trabalho duro. Temos Abba Agatão que, quando um discípulo iniciava seu caminho monástico, demonstrava-lhe que a oração era seu principal trabalho e exercício; isso implicava muito esforço e sacrifício, e dizia que a oração é de todos os trabalhos ascéticos o que, a longo prazo, requer mais valentia e empenho.

Ao mesmo tempo é um meio necessário de vida, um testemunho de pobreza, que dignifica e santifica; diziam que os verdadeiros monges deviam desprezar os que viviam da caridade de outras pessoas e sustentavam ao trabalho manual. Depois, levantava-se às suas próprias necessidades, simples e ordinárias. Não suportavam os visionários que recusavam o trabalho sob o pretexto de pura contemplação e citavam a frase paulina “o que não quiser trabalhar que não coma”. Cassiano repele o ideal de um monge que descuida de todos os seus afazeres e aceita ajudas estranhas. Faz referência a Santo Antônio que se teria dedicado exclusivamente à oração e à leitura se assim lhe tivessem ensinado os apóstolos, ou lhe tivessem determinado os Pais. Por isso diz taxativamente que quem não trabalha não só é infiel à tradição apostólica e à dos Pais, como ademais defrauda, escandaliza os pobres. Somente se justificaria aceitar uma ajuda se, por enfermidade ou fraqueza corporal, alguém não pudesse ganhar o pão.

Para Santo Agostinho, baseando-se também nas escrituras (única verdadeira regra do monge), está muito clara a necessidade de trabalhar, apoiando-se justamente na exortação de São Paulo (2 Tesal. 3, 10); para ele não há voltas a dar, “é preciso trabalhar para ganhar o sustento”. O que não significa que o cuidado pelo trabalho tenha que turvar a oração e a vida do espírito.O trabalho do monge abarca, segundo Santo Agostinho, tudo quanto seja honesto. O trabalho honrado não só possui nobreza e dignidade, como também santifica. É interessante notar que em Agostinho o trabalho se apresenta sob uma dupla forma: manual e intelectual. Um e outro têm cabida no mosteiro.

Com respeito aos monges que são contrários ao trabalho, que também se baseiam nas escrituras, interpretando textos a favor de sua posição, como: “Esforcem-se por conseguir não o alimento transitório, mas o permanente, que dá a vida eterna”, “orem sem cessar” etc, Santo Agostinho desfaz facilmente essa argumentação em seu escrito De opere monachorum (Sobre o trabalho manual dos monges), fundamentalmente contra aqueles

REFLEXÃO (cont.)

que invocavam o parágrafo de Mt 6, 26 ss: “Olhem as aves do céu, olhem os lírios do campo, não trabalham nem fiam . . .”. Agostinho chama de preguiçosos e hipócritas com hábito de monge os que rechaçam sistematicamente o costume apostólico e monástico do trabalho corporal; segundo ele, não devem comer.

Basílio faz menção de que “aquele que pode trabalhar não deve comer se não faz nada ; mais ainda, também aquele que esteja ocupado em alguma obra boa, para gloria de Cristo, deve esforçar-se e ser zeloso em trabalhar de acordo com o que permitam suas forças”.

Os Pais do deserto pensavam que não tinham nenhum direito a esquivar-se dessa lei universal do trabalho, a que estavam particularmente sujeitos os mais pobres e os menores, e por isso consideravam que deviam dar o exemplo. Abba Aquiles, que trabalhava parte da noite trançando cestos, dizia: “Não necessito trabalhar, mas temo desagradar a Deus e receber sua reprovação; Se podes trabalhar, por que não o fizeste? Por isso me fatigo e trabalho com todas as minhas forças”.

Os ganhos adquiridos com o trabalho manual não eram utilizadas para assegurar maior conforto. Tampouco aceitavam aumentar o trabalho, embora isso pudesse multiplicar seus meios para dar esmolas. Abba Silvano ameaçou abandonar seus discípulos se não deixassem em seus limites primitivos uma horta que queriam aumentar.

Deviam trabalhar com um sentido de solidariedade, em benefício do próximo, especialmente dos hóspedes e dos necessitados; esse era um ponto verdadeiramente importante na tradição monástica. Assim como trabalhavam para não ter de pedir nada a ninguém, também desejavam poder dar esmolas: “Trabalha com tuas mãos tudo o que pudes para poder dar esmolas”, dizia Abba Pastor.

Com isso podemos constatar uma vez mais a influência da escritura sobre o ideal dos monges antigos. Santo Antônio e seus discípulos no deserto, São Pacômio, os monges do Oriente e os do Ocidente trabalhavam geralmente para ter com que agasalhar os hóspedes e socorrer os pobres.

Basílio, em suas Regras morais, ressalta que o trabalho monástico se situa em um contexto de pobreza e, mais ainda, de caridade.

Em resumo: temos que as motivações para o trabalho eram várias; assim, com o trabalho sabiamente ordenado, o monge evitava o tédio que lhe ocasionaria ocupar-se de coisas unicamente espirituais; procurar o necessário para a vida, não depender de ninguém, como obra de penitência e renúncia, como elemento importante de ascetismo corporal e de ajuda aos mais necessitados.

Pode-se dizer que os Primeiros Pais perceberam claramente que “o trabalho não só não se opõe à contemplação, como, para chegar a ser homo sapiens, o ser humano deve passar pelo estado de homo artifex, e que a alma e o corpo não estão justapostos, mas são consubstanciais – o trabalho está na união do espírito com a matéria”.

Na RB: São Bento tampouco considera o traba-

lho como um fim, mas totalmente submetido à organização do mosteiro e ao fim ascético e espiritual da vida monástica. Certamente, o lema “oração e trabalho” está muito vinculado à vida beneditina, embora não se encontre na RB. Seria mais adequado afirmar que São Bento distribui a jornada monástica em três atividades: oração, lectio divina e trabalho. Nem a oração nem o trabalho do monge se excluem entre si, já que o trabalho é um meio para o fim da santificação que abarca tudo. O trabalho não é um valor absoluto nem deve degenerar em ativismo, mas essa trilogia (oração, lectio divina e trabalho) deve conduzir o monge a fixar o olhar em Deus, preservá-lo de toda avareza, de todo afã de lucro, de toda inquietação com respeito ao futuro.

No c. 48, São Bento abre o tema do trabalho com uma grave sentença “a ociosidade é inimiga da alma”, porque a deixa aberta às tentações e faz infrutíferos os talentos recebidos. Então, para São Bento, o fim que persegue, ou a motivação para trabalhar seria:

A ascese; temos que Cassiano recorda este ditado dos Pais do Deserto, “de que um monge ocupado só é atacado por um demônio, enquanto que o ocioso tem inúmeros inimigos”. Vencer a acédia, ocupando-se de algum trabalho proveitoso. Quando o monge não está em oração ou lectio divina se entrega ao trabalho.

São Bento, antes de tudo, é “realista”, põe em prática o princípio fundamental cristão e monástico de viver do próprio trabalho; “então são verdadeiros monges, diz São Bento, quando vivem do trabalho de suas mãos, como nossos Pais e os apóstolos”. O trabalho dos monges será o meio ordinário de manter a comunidade e socorrer os pobres.

A RB extrai todas as conseqüências da necessidade imposta do trabalho: Encurta o ofício divino e mitiga o jejum. Quer fazer ver que uma situação forçosa deve ser acolhida não com resignação cega, mas como uma exigência para ser plenamente monge. Para São Bento, o monge o é verdadeiramente quando as circunstâncias o obrigam a ser simplesmente cristão e associado à condição humana comum. Ressalta seu espírito de discrição quando diz “que tudo se faça com comedimento, por deferência para com os fracos”, denotando um ensinamento de grande finura de espírito.

Talvez São Bento nunca tenha imaginado que a história lhe atribuiria que o trabalho dos monges tenha sido um fator de primeira importância na conservação da civilização do passado e na formação da nova ordem cristã da sociedade; seria um erro atribuir isso a São Bento.

Hoje em dia, com certeza São Bento desejaria que uma comunidade monástica pudesse fomentar os talentos de cada monge. “Está claro que o trabalho deve estar em harmonia com a orientação contemplativa do monge; deve-se buscar o equilíbrio sem deixar de lado o fim primário de buscar a Deus; que o trabalho manual conserva seu valor como exercício de humildade e pobreza, mas não exclui o trabalho intelectual que exige um espírito mais concentrado e pode ser um meio muito útil de autodisciplina”.